

Oliveira, Sanderson Castro Soares (2014). *Contribuições para a Reconstrução do Protopano*. Brasília: Universidade de Brasília (Tese de doutorado em Linguística). Pp 491 + 5 figuras. 15 tabelas. 53 quadros.

Resenhado por Raphael Augusto Oliveira Barbosa<sup>1</sup>  
(PG. Linguística, IEL-UNICAMP/CELCAM)

A tese de doutorado “Contribuições para a reconstrução do protopano” apresenta uma proposta de reconstrução fonêmica e lexical de um grupo de línguas da família Pano, faladas no Brasil, Peru e Bolívia. O trabalho tem como base geral o estudo de Shell (1975), que se apresenta como a primeira proposta de reconstrução histórica de aspectos fonológicos de línguas Pano e, apesar da limitação de línguas comparadas (somente sete, faladas no Peru), representa o trabalho fundamental com relação às pesquisas de reconstrução histórica desde sua publicação. Esta resenha, em termos gerais, trata de uma tese que, por meio de um estudo de revisão, propõe um novo inventário fonêmico de consoantes e vogais e reproduz 512 itens lexicais reconstruídos do Proto-Pano. Ademais, o autor também propõe a reconstrução das formas nasais coronais {-n} que marcam os casos ergativo, genitivo, locativo e instrumental, na maior parte das línguas da família Pano.

Com relação às línguas comparadas, o autor seleciona as sete línguas cotejadas no estudo de Shell (1975): Kashíbo (Ksh); Shípibo-Kónibo (Sk); Kapanáwa (Kp); Chákobo (Ch); Amawáka (A); Kaxinawá (Kn) e Marináwa (M), com adição das seguintes línguas: Marúbo (Mar); Yawanawá (Yaw); Poyanáwa (Poy); Yamináwa (Yam); Mayorúna (My) (idiomas complementares do estudo desta autora) e de oito línguas descritas após a década de 1970: Katukína (Kat); Shanenáwa (Shan); Kaxararí (Kax); Chanináwa (Chan); Sharanáwa (Shar); Korúbo (Ko) e Matis (Mt).<sup>2</sup> Ademais, o autor também considera os resultados gerais do estudo de Girard (1971),<sup>3</sup> que apresenta uma proposta de reconstrução histórica da fonologia de línguas da família Takana e relaciona os resultados gerais de sua proposta de reconstrução com os resultados do estudo de Shell (1975).

A tese é dividida basicamente em seis capítulos: Além da Introdução; 1. Revisão das classificações da família Pano; 2. Sistemas fonológicos; 3. Correspondências; 4. Consoantes em final de palavra em protopano, 5. Origem e desenvolvimento de alguns sufixos casuais na família Pano; 6. Considerações finais, seguidas das referências bibliográficas. Além disso, o trabalho contém 5 figuras, 15 tabelas, 53 quadros e um apêndice com 512 cognatos reconstruídos.

---

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP (Processo 2012/23156-3).

<sup>2</sup> As abreviações usadas para as línguas são as mesmas de Shell (1975), com exceção daquelas referentes às línguas não abordadas por essa autora, que provavelmente foram criadas por Oliveira (2014).

<sup>3</sup> Oliveira (2014) também utiliza breves resultados do estudo comparativo de Soto (1990), intitulado “Preliminary Pano family tree based on the reconstruction by O. A. Shell”.

A introdução apresenta os objetivos e os principais resultados da pesquisa, seguidos de um panorama a respeito da família Pano,<sup>4</sup> da metodologia e da base de dados. De acordo com os princípios básicos do método Histórico-Comparativo, “[o] estudo focaliza principalmente a reconstrução da língua ancestral [...], mas sempre que possível, [são apresentadas] hipóteses sobre o desenvolvimento dos reflexos nas diversas línguas.” (Oliveira 2014: 30). Sobre a representação ortográfica dos nomes das línguas Pano em português, o autor segue basicamente as grafias que designam etnônimos utilizados normalmente na literatura antropológica, em geral, com base na “*Convenção para a grafia de nomes tribais*” (Oliveira 2014: 39).

Os principais resultados são apresentados, em cotejo ao estudo de Shell (1975), brevemente na introdução. Referem-se a quatro pontos gerais: (1) “Existência, na protolíngua, dos fonemas \*r e \*n, não reconstruídos por Shell”; (2) “Ocorrência na protolíngua dos sons \*t, \*n, \*m, \*k, em final de palavra, antes de silêncio”; (3) “Revisão das formas trissilábicas propostas por Shell (op. cit.), que teriam sido, na realidade, formas terminadas em consoantes”; (4) Existência de dois morfemas casuais, um morfema \*-Vr ‘ergativo’ e um morfema \*-Vn ‘genitivo-locativo-instrumental’” (Oliveira 2014: 28). Esses resultados são discutidos nos capítulos 3, 4 e 5 da tese.

O capítulo 1, *Revisão das classificações da família Pano*, apresenta e discute algumas propostas de classificação já realizadas, a exemplo de trabalhos comparativos, como Grasserie (1890) e Shell (1975), outras classificações que “ajudaram a sedimentar a constituição da família Pano, mas sem proposta de classificação” (Oliveira, 2014: 74); classificações de base geográfica; de base quantitativa; e algumas classificações antropológicas. Por fim, o autor apresenta uma descrição geral dos agrupamentos de cada língua em diversas classificações internas e um quadro referente a sua “*hipótese inicial de relação entre as línguas consideradas no estudo*”: Grupo I: Ksh. Grupo II: Sk e Kp; Mar (?). Grupo III: Ch; Kax (?). Grupo IV: Yam, Chan e Shar. Grupo V: Shan e Kat. Grupo VI: Poy (?); A; Grupo VII: Kn e M; Yaw; Grupo VIII: My, Mt e Ko.

No segundo capítulo, *Sistemas fonológicos*, os inventários fonêmicos de línguas Pano e uma breve descrição dos fonemas e suas variações são apresentados. O autor observa que as “[...] vogais nasais são analisadas como vogais nasalizadas e postula-se uma consoante nasal em margem direita de sílaba.” (Oliveira 2014: 181). Com relação às consoantes fricativas, “há casos em que alguns autores descrevem dois fonemas /f/ e /ɸ/, mas outros descrevem [como somente] um fonema” (Oliveira 2014: 182). Sobre as africadas, o autor descreve que a retroflexa /tʂ/ é descrita como fonema nas línguas My, Mt e Ko, e que, em Kax não há um consenso se essa consoante e a africada álveo-palatal [tʃ] são fonemas distintos. Oliveira (2014) nota que apenas Ksh, Kax e Ko são descritas com a velar labial /kʷ/ como fonema e em Mt e My, como uma sequência fonética *ku*.

Com relação aos segmentos vocálicos, o autor observa que o inventário mais comum é o de quatro vogais, /i, i, u, a/, com algumas exceções, a exemplo do Ksh, Mt, Ko e My – descritas com as vogais médias /e/ e /o/. Além disso, o autor discute algumas fonemizações diferentes descritas em alguns trabalhos de outras línguas, nas quais /i/ é descrito como /u/, por vezes como /i/, e que, em Kn e M, o segmento

<sup>4</sup> Em geral, o número de línguas da família Pano que comumente encontra-se na literatura Pano corresponde a aproximadamente 30 línguas, faladas no Brasil, Peru e Bolívia.

correspondente refere-se a vogal média-baixa não-arredondada /Λ/. Basicamente, os inventários dos fonemas são apresentados e descritos seguindo o Alfabeto Fonético Internacional ‘*International Phonetic Alphabet*’ (IPA), a exemplo de unidades fonéticas e fonológicas de ponto (oclusiva, nasal, flepe/tepe, vibrante, africada, fricativa, lateral, aproximante) e de modo de articulação consonantal (bilabial, alveolar, alveopalatal, palatal, retroflexa, velar, glotal); e de unidade fonéticas e fonológicas de ponto (alta, média, baixa) e de modo de articulação vocálico (anterior, central, posterior).

O terceiro capítulo, intitulado *Correspondências*, apresenta “uma revisão da reconstrução fonológica do Protopano, proposta por Shell (1975)<sup>5</sup>, assim como a revisão das formas fonológicas dos itens lexicais por ela reconstruídas” (Oliveira 2014: 184). Em geral, com base na comparação de cognatos lexicais e análise de suas correspondências, o autor apresenta uma proposta de reconstrução segmental e descreve seus ambientes, indicando as mudanças sonoras e suas motivações. Com isso, propõe-se um inventário fonêmico de 19 consoantes, apresentadas em grupos de oclusivas: \*p, \*t, \*k, \*k<sup>w</sup>, \*ʔ; nasais: \*m, \*n; tepes: \*r, \*ɽ; africadas: \*ts, \*tʃ, \*tʂ; fricativas: \*β, \*s, \*ʃ, \*ʂ, \*h; e aproximantes: \*w e \*y; e também as vogais orais e suas contrapartes nasais, apresentadas como altas anterior \*i, \*ĩ; central \*i, \*ĩ; média posterior \*o, \*õ; e baixa central \*a, \*ã.

Nas seções que seguem o capítulo 3, o autor apresenta a reconstrução de cada segmento consonantal e vocálico. A princípio, após descrição geral da comparação de cada segmento reconstruído, os aspectos fonotáticos são apresentados, com exemplos das correspondências e das proto-formas lexicais propostas, seguidos eventualmente da numeração referente aos exemplos de itens lexicais adicionais presentes no apêndice do trabalho. Com relação às consoantes oclusivas, as principais mudanças históricas apresentadas pelo autor dizem respeito a derivação (k < \*k<sup>w</sup>) em algumas línguas e a processos de rersilabificação das consoantes /\*t/ e /\*k/, que ocorre(ram), segundo o autor, “[...] quando um tema é ou era flexionado por morfemas casuais.” (Oliveira 2014: 194). O processo de rersilabificação de /\*t/ e /\*k/, assim como as consoantes /\*n/ e /\*m/, são discutidos no quarto capítulo que trata das consoantes em final de palavra.

O tepe retroflexo sonoro /\*ɽ/ refere-se a um segmento reconstruído e descrito exclusivamente no trabalho de Oliveira (2014). O autor revisa a proposta de Shell (1975) que apresenta a derivação do tepe coronal (d < \*r) para o kaxinawa e a variação (\*r ~ \*d) para a proto-língua. Nesse sentido, com argumentos referentes a simetria do sistema fonológico da proto-língua e com base na variação consonantal, em algumas línguas, dos reflexos da consoante tepe coronal /r/ - (/tʃ/ kaxarari; /ʃ/ korubo; /d/ matis e mayoruna; /r/ ~ /l/ yaminawa; e /ɽ/ shipibo-konibo), Oliveira (2014) apresenta uma proposta de derivação dessas consoantes a partir de um tepe retroflexo sonoro /\*ɽ/. Como exemplo de derivação, segundo o autor: “em final de palavra, os reflexos de \*ɽ [...] teriam se mantido em Korúbo, Matis e Mayorúna, embora fundidos com os reflexos de \*t, nas duas últimas línguas teriam se sonorizado posteriormente (t > d)” (Oliveira 2014: 230).

<sup>5</sup> Shell (1975) deixou claro a falta de dados de línguas faladas na Bolívia e no Brasil, na época em que foi publicada seu trabalho e preferiu falar de “pano reconstruído” e não de “proto-pano”. [Nota do editor].

Em termos gerais, a consoante nasal alveolar /n/ apresenta o reflexo /n/ em quase todas as línguas Pano, com exceção de diversos itens lexicais do kaxarari que contêm a lateral coronal /l/ como seu reflexo. Com relação à proposta de reconstrução dessa consoante nasal alveolar, conforme Oliveira (2014: 218), “a presença de *l* em Kaxarari foi a base para que revisássemos a reconstrução de uma *\*n*, de Shell (1975), e propuséssemos a reconstrução de dois protofonemas, *\*n* e *\*r*, em lugar de um só *\*n* [...]”. Mais à frente, sobre a reconstrução do tepe alveolar *\*/r/*, o autor argumenta que

“Propomos a reconstrução de um tepe alveolar sonoro com base no *l* do Kaxarari e considerando a correspondência entre Prototakána *\*r* e Protopáno *\*n*, proposta por Girard (1971), que fundamentou essa correspondência no *r* do Cavineña, que corresponde a  $\emptyset$  nas outras línguas Takána. A partir da comparação do Kaxarari com as demais línguas da família Páno, notamos que parte do que foi reconstruído como Protopáno *\*n* por Shell (1975[1965]) corresponde a *l* em Kaxarari. Com base em Kaxarari *l* e em Cavineña *r*, propomos a reconstrução de um Protopáno *\*r*.” (Oliveira 2014: 231)

Conforme Oliveira (2014: 234), os reflexos do tepe *\*/r/*, que ocorrem somente em final de palavra, nasalizaram-se nas línguas Ksh, Sk, A, Kn, M, Mar, Yam, Kp, Kat, Shan, Yaw, Chan, Shar, Ko, Mt e My ( $n < *r / \_ \#$ ) e então apagaram-se em Ksh, Sk, A, Kn, M, Mar e Yam, ou ainda se realizam como uma vogal final nasalizada, enquanto no Ch houve apagamento dos reflexos do tepe, sem ocorrer ambiente para nasalização. Em termos gerais, as questões relacionadas à posição da estrutura fonotática da palavra em que tais reflexos de línguas Pano ocorrem indicam que unidades da morfologia tanto derivacional quanto flexional devem ser consideradas em estudos tipológicos e históricos de maneira modular. Nas palavras do autor: “um trabalho mais detalhado, considerando-se formas sem morfologia e com morfologia, em final de palavra, talvez possa esclarecer mais sobre a natureza de alguns segmentos em margem direita de sílaba.” (Oliveira 2014: 236).

Em comparação aos proto-segmentos reconstruídos no estudo de Shell (1975), o autor apresenta três novos fonemas consonantais: a consoante tepe retroflexo *\*/t/* (mencionada anteriormente); a africada retroflexa *\*/tʂ/*; e a fricativa glotal *\*/h/*. Com relação às consoantes africadas, a retroflexa *\*/tʂ/* é reconstruída com base em seus reflexos regulares nas línguas Kax, Mt e My. Segundo Oliveira (2014), os segmentos *\*/tʃ/* e *\*/tʂ/* apresentavam contraste fonológico na proto-língua, que se conservou nas línguas supracitadas, enquanto nas demais línguas Pano, essas consoantes se fundiram, o que derivou a consoante alveopalatal */tʃ/*. Sobre a africada alveolar *\*/tʂ/*, segundo o autor, em um conjunto de palavras, os reflexos desse segmento também correspondem à alveopalatal */tʃ/*, e sugere, assim, com que a mudança ( $tʃ < *tʂ$ ) se deve aos reflexos da vogal alta *\*/i/* que precede ou segue a consoante */ts/*.

A respeito das fricativas, Oliveira (2014) apresenta a reconstrução da consoante glotal *\*/h/* em início de palavra, descrita por Shell (1975) como inovação nas línguas Pano. Sobre a alveolar *\*/s/*, o autor nota que esse fonema se conserva em Ko, Mt, My e Ksh, e que, no entanto, há um conjunto de dados em que essa consoante apresenta o reflexo */ʃ/* na maioria das línguas. Oliveira (2014) reconstrói a alveopalatal *\*/ʃ/* e observa que nas línguas Shan e Shar, seu reflexo corresponde à retroflexa */ʂ/*. Em geral, a forma dos reflexos que apresentam a conservação ou inovação da consoante fricativa alveopalatal */ʃ/* a partir

de /\*j/ ou de /\*s/ provavelmente foi condicionada em ambientes contíguos a vogais altas. Sobre a retroflexa /\*ʂ/, esse fonema é reconstruído com base em seus reflexos regulares, com exceção das línguas A e Poy, nas quais os reflexos correspondem, respectivamente, à fricativa glotal /h/ e à fricativa velar surda /x/. Por fim, a fricativa bilabial /\*β/ apresenta o reflexo /β/ na maioria das línguas, e, no entanto, os reflexos /b/ em Kn, Mt e My; /ɸ/ em M, Yam, Chan e Shar; /f/ em Shan; e /w/ em A.

As consoantes aproximantes labial \*w e palatal \*y são reconstruídas como fonemas da proto-língua. Sobre a labial, Oliveira (2014) sugere que a presença de /u/ e /w/ nos dados está relacionada à interpretação fonética e/ou fonológica desses segmentos por diferentes autores. A respeito da aproximante palatal, o autor apresenta três cognatos em que o reflexo de /\*y/, em Ko, Mt e My, corresponde à africada alveolar /ts/, e postula, então, “uma mudança em duas etapas, provavelmente  $y > tʃ$ , em um primeiro momento, e depois  $tʃ$  mudou para  $ts$  diante de  $a$  e  $o$ ” (Oliveira 2014: 281). A principal mudança das vogais orais apresentada pelo autor refere-se à posterior média /\*o/ que se conserva em Ksh, Sk, Kp, Ch, A, M, Chan e Shar, mas apresenta a mudança ( $u < *o$ ), em Kn, Kat, Shan, Yaw, Poy, Ko, Mt e My. A respeito dos segmentos vocálicos nasais, essas vogais em final de palavra foram analisadas como seqüências de vogal e consoante. Ademais, reflexos da vogal /\*i/ ocorrem apenas em quatro etimologias.

O quarto capítulo intitulado *Consoantes em final de palavra em totopano* apresenta uma discussão a respeito da reconstrução das consoantes em final de palavra, sobretudo, com relação aos termos ‘formas longas’ e ‘formas curtas’ caracterizados como itens nominais em Shell (1975). Em termos gerais, essa autora descreve uma provável implicação gramatical relacionada às formas longas, a exemplo de aspectos gramaticais como “traço de referência transitiva”, que se conservou como segmento na língua chácobo e como suprassegmento em kashibo-kakataibo, shipibo-konibo e kapanawa. Com base nas observações gerais de Girard (1971) a respeito das formas lexicais longas e curtas do chácobo presentes em Shell (1975), Oliveira (2014: 356) propõe que todas as línguas da família Pano apresentam formas lexicais longas e curtas.

Na seção seguinte, o autor descreve a forma do morfema comitativo, reconstruído como \*βit ~ \*βita[n], cuja alternância, que ocorre em praticamente todas as línguas Pano comparadas, é condicionada pela função sintática da base. Nesse sentido, o autor conclui que “também morfemas gramaticais apresentam formas longas e curtas e que esta alternância se relaciona diretamente com a função sintática dos sintagmas, paralelamente ao que ocorre nos nomes”. Sendo assim, ele define o termo ‘forma longa’ como “a maior forma de um nome ou de um morfema gramatical que apresenta duas formas alternantes condicionadas pela sua função sintática” e o termo ‘forma curta’ como “a menor forma de um nome ou de um morfema gramatical que apresenta duas formas alternantes condicionadas pela sua função sintática” (Oliveira 2014: 358).

A partir dessa definição de formas longas e curtas para as línguas Pano, em especial o chácobo, o autor propõe que essas formas já ocorriam na proto-língua e que as formas longas caracterizar-se-iam como formas nominais flexionadas para caso. Em comparação às formas lexicais reconstruídas por Shell (1975) como formas longas (nomes com três sílabas), a exemplo de \*ʔawara ‘anta’; \*kapiti ‘jacaré’; \*piʔaka ‘sobrinho’; \*yofini ‘espírito’ e \*ʔitsisa ‘quente, calor’, Oliveira (2014: 361) reconstrói essas formas com base nos reflexos das línguas Ko, Mt e My, como formas curtas (duas sílabas) terminadas

em consoante, em respectivo; \*ʔawaʔ; \*kapit; \*piʔak; \*yosin e \*ʔitsis. Com relação ao desenvolvimento dessas formas, o autor afirma que as línguas Ksh, Sk, Kp, Ch, A, Kn, M, Kat, Shan, Yaw, Poy, Yam, Chan e Shar sofreram apagamento dessas consoantes finais, com exceção das fricativas, e que nessas línguas esses segmentos se realizam na sufixação de um morfema iniciado por vogal.

Por fim, o quinto capítulo, *Origem e desenvolvimento de alguns sufixos casuais na família Pano*, apresenta a reconstrução dos morfemas gramaticais marcadores dos casos ergativo, locativo, genitivo e instrumental, descritos na forma de uma consoante nasal {-n}. Em termos gerais, Oliveira (2014) descreve brevemente esses morfemas em algumas línguas Pano, em especial, o Chácobo e o Kaxarari, e então apresenta uma proposta de reconstrução desses morfemas. O Chácobo é uma língua que perdeu o segmento nasal final e expressa a função ergativa por meio de traços suprasegmentais, como acento e tom, e o Kaxarari expressa essa função por meio da consoante lateral e as demais funções dos casos supracitados com a nasal. De acordo, basicamente, com a reconstrução das consoantes coronais /n/, /r/ e /l/, o autor propõe dois proto-morfemas casuais: ergativo {\*-Vr} (em bases terminadas em consoante) e {\*-r} (bases terminadas em vogal) e ‘genitivo-locativo-instrumental’ {\*-Vn} e {\*-n}. Com isso, o capítulo é finalizado com a apresentação de correspondências desses casos nas línguas Takana realizada por Girard (1971), e então as considerações finais encerram a tese.

O estudo apresenta contribuições importantes para a literatura Pano, assim como para a problemática da comparação e descrição dos níveis linguísticos básicos dessas línguas. Em termos gerais, a pesquisa apresenta a reconstrução segmental e lexical, bem como a proposta de reconstrução de um grupo de marcadores de caso. Apesar do avanço na comparação de uma amostra mais extensa de línguas, referências a unidades e categorias fonológicas são geralmente apresentadas em contextos fonêmicos, o que representa que exames de um ou mais aspectos em níveis linguísticos distintos (e/ou sua relação entre esses níveis) demandam a apresentação específica das definições básicas referentes às unidades analisadas. A respeito da reconstrução das unidades gramaticais, diversos estudos descritivos e comparativos das línguas Pano (cf. Fleck 2013) indicam que os aspectos morfológicos (como a caracterização tipológica analítica, aglutinante e polissintética, por exemplo) apresentam grande diversidade entre esses idiomas, portanto uma proposta de reconstrução dessas unidades requer, a princípio, um exame tipológico da morfologia que caracterize os aspectos básicos da morfossintaxe dessas línguas.

---

<sup>6</sup> Além dessas formas morfológicas, o autor também propõe a reconstrução de uma série de morfemas gramaticais presentes no apêndice do trabalho, a exemplo de \*-ʔaʃ ‘sufixo de concordância do intransitivo’; \*-βit ~ -bita[n] ‘comitativo’; \*-βo ‘pluralizador’; \*-ki ‘sufixo locativo ablativo’; \*-m[a]- ‘sufixo verbal causativo’; \*ʃo[n] ‘benefactivo’; \*ʃon ‘sufixo de concordância transitiva’; \*-ti ‘nominalizador de instrumento’; \*-wi ‘sufixo verbal imperativo’; e \*[-ya]ma ‘sufixo negativo’

**Referências**

- Fleck, David W. (2013). Panoan language and linguistics. *Anthropological papers of the American Museum of Natural History*, n. 99.
- Girard, Victor (1971). *Proto-Takanan phonology*. Berkeley: University of California Press.
- Grasserie, Raoul de la (1890). De la famille linguistique pano. *Congrès International des méricanistes compte-rendu de la septième session*, Berlin 1888: 438-449. Berlin: Librairie W. H. Kühl.
- Jakobson, Roman (2008). *Princípios de fonologia histórica*. Campinas: Curt Nimuendaju.
- Shell, Olive A. (1975). Estudios Panos III: Las lenguas Pano y su reconstrucción. *Serie Lingüística Peruana*, N. 12, 2 ed. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

Recebido: 2/5//2016  
Versão revista: 16/5/2016  
Aceito: 20/5/2016.